



Turismo - Visão e Ação
ISSN: 1415-6393
ISSN: 1983-7151
luiz.flores@univali.br
Universidade do Vale do Itajaí
Brasil

INTERFACE ENTRE ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES E ATIVIDADE TURÍSTICA: INTEGRANDO LITERATURAS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO

Oliveira Paes de Lima, Marília Cláudia; Azevedo, Ana Cláudia; Cardoso de Pinho Brandão, Marília de Fátima; Emmendoerfer, Magnus Luiz

INTERFACE ENTRE ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES E ATIVIDADE TURÍSTICA: INTEGRANDO LITERATURAS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO

Turismo - Visão e Ação, vol. 25, núm. 1, 2023

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261074580004>

DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v25n1.p51-71>

Esta obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil.



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 3.0 Internacional.

INTERFACE ENTRE ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES E ATIVIDADE TURÍSTICA: INTEGRANDO LITERATURAS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO

THE INTERFACE BETWEEN ENTREPRENEURIAL ECOSYSTEMS AND TOURIST ACTIVITY: INTEGRATING LITERATURE FOR DEVELOPMENT

INTERFAZ ENTRE ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES Y ACTIVIDAD TURÍSTICA: INTEGRANDO LITERATURA PARA EL DESARROLLO

Marília Cláudia Oliveira Paes de Lima 1
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais,
Brasil., Brasil
mpaesdelima4@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-0307-9087>

DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v25n1.p51-71>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261074580004>

Ana Cláudia Azevedo 1
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais,
Brasil., Brasil
anaazevedo@ufv.br
 <https://orcid.org/0000-0001-8141-9265>

Marília de Fátima Cardoso de Pinho Brandão 1
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais,
Brasil., Brasil
mariliabrnd@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-8525-6747>

Magnus Luiz Emmendoerfer 1
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais,
Brasil., Brasil
magnus@ufv.br
 <https://orcid.org/0000-0002-4264-8644>

Recepción: 22 Mayo 2022
Aprobación: 12 Octubre 2022

RESUMO:

O objetivo do estudo foi aprofundar a compreensão da interface entre a atividade turística e o ecossistema empreendedor em prol do desenvolvimento. Trata-se de uma revisão semiestruturada da literatura (Snyder, 2019), realizada na base Web of Science que levanta a produção internacional no período de 2016-2021. Após a análise de 19 artigos trouxe-se como resultado a definição compilada dos temas abordados, gerando uma estrutura para sistematização do conteúdo, dividida em quatro frentes de pesquisa:

NOTAS DE AUTOR

- 1 Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- 1 Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- 1 Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- 1 Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

definições de ecossistemas empreendedores, estágios de desenvolvimento, dimensões de análise e ecossistemas empreendedores e o turismo. Tais resultados ampliam a compreensão acerca da contribuição do ecossistema empreendedor para o turismo e, consequentemente, para o desenvolvimento, mediante o fomento da atividade turística, além da contribuição para a literatura, haja vista que estudos anteriores mostram que apesar da aparente complementariedade desta interface, a abordagem do ecossistema empreendedor e do turismo ainda é pouco abordada em pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Ecossistema empreendedor, Turismo, Revisão sistemática.

ABSTRACT:

The aim of this study was to deepen the understanding of the interface between tourism activity and the entrepreneurial ecosystem in favor of development. This is a semi-structured literature review (Snyder, 2019) on the Web of Science database, searching for international studies published from 2016 to 2021. After analyzing nineteen articles, a compiled definition of the topics covered was produced, generating a structure for the systematization of the content, which was divided into four research fronts: descriptions of entrepreneurial ecosystems, stages of development, dimensions of analysis, and entrepreneurial ecosystems and tourism. These results expand the understanding of how the entrepreneurial ecosystem contributes to tourism and, consequently, to development through the promotion of tourist activity. They also contribute to the literature on the theme, given that studies addressing entrepreneurial ecosystem and tourism are still scarce, despite the apparent complementarity of this interface, as shown in previous studies.

KEYWORDS: Entrepreneurial ecosystem, Tourism, Systematic review.

RESUMEN:

El objetivo del estudio fue profundizar en la comprensión de la interfaz entre la actividad turística y el ecosistema emprendedor a favor del desarrollo. Se trata de una revisión bibliográfica semiestructurada (Snyder, 2019), realizada en la base de datos Web of Science que releva la producción internacional en el período 2016-2021. Luego de analizar 19 artículos, se planteó la definición compilada de los temas abordados, generando una estructura para la sistematización del contenido, dividida en cuatro frentes de investigación: definiciones de ecosistemas emprendedores, etapas de desarrollo, dimensiones de análisis y ecosistemas emprendedores y el turismo. Tales resultados amplían la comprensión de la contribución del ecosistema emprendedor al turismo y, en consecuencia, al desarrollo a través de la promoción de la actividad turística, además de la contribución a la literatura, dado que estudios previos muestran que a pesar de la aparente complementariedad de esta interfaz, el enfoque del ecosistema emprendedor y el turismo es aún poco abordado en la investigación.

PALABRAS CLAVE: Ecosistema emprendedor, Turismo, Revisión sistemática.

INTRODUÇÃO

No capitalismo contemporâneo a região é uma unidade fundamental da vida social (Storper, 1997), o que justifica o interesse sobretudo a partir da década de 1980 pela identificação de fatores e condicionantes distintivos presentes em algumas localidades, capazes de gerar certas configurações com desempenho diferenciado (Vale, 2007). Desde então, a literatura se encarrega em apresentar perspectivas teórico-conceituais buscando a geração de subsídios e propostas para orientar políticas de promoção da competitividade e do desenvolvimento regional, mediante a promoção do crescimento de empregos, inovação e empreendedorismo (Wurth et al., 2021). A esse exemplo destacam-se os distritos industriais (Becattini, 1990) na década de 1980, os clusters (Porter, 1990; 1998) na década de 1990 e 2000, e os ecossistemas empreendedores (Isenberg, 2010), a abordagem mais contemporânea, que combina contexto, agência e sistemas multiníveis complexos (Wurth et al., 2021), apresentando o empreendedorismo e a inovação como principais fatores organizadores da economia de mercado (Rocha & Audretsch, 2022).

O trabalho de Isenberg (2010) na Harvard Business Review e o livro Startup Communities de Feld (2012) foram os precursores que impulsionaram a popularidade dos ecossistemas empreendedores dentro das comunidades de profissionais e políticas públicas (Wurth et al., 2021). Esses autores destacam a importância da comunidade em termos dos vários atores que apoiam socialmente e financeiramente o empreendedor, assim como os ambientes educacionais, políticos e econômicos que fornecem recursos para novos empreendimentos (Spigel & Harrison, 2018). As ideias fundamentais por trás do ecossistema

empreendedor (EE) incorporam o papel das forças sociais, culturais e econômicas no processo de desenvolvimento (Spigel & Harrison, 2018; Stam & Van de Ven, 2019).

A caracterização de um ecossistema parte do princípio que as novas empresas não surgem do nada, mas crescem e sobrevivem em ambientes onde inúmeros fatores podem apoiar o seu desenvolvimento (Souza et al., 2016). Diante disso, um EE é constituído por diversos stakeholders, que possuem algum grau de interação entre si, com iniciativas relacionadas ao empreendedorismo e que, geralmente, estão ligados geograficamente (Corradi & Pereira, 2020). Em um EE observa-se a presença e atuação de organizações não governamentais, associações, entidades econômicas, instituições de ensino e pesquisa com interesse no empreendedorismo, e a existência de redes de relacionamento locais, regionais e internacionais entre empreendedores (Isenberg, 2011).

Ainda no contexto de aproveitar a estrutura local para fomentar a economia, o turismo apresenta-se como um vetor potencial para o desenvolvimento do país, reconhecido pela gestão pública, no caso brasileiro, em razão da sua expansão em campo global, e mais exclusivamente, no cenário nacional (Lima et al., 2022). Nos municípios brasileiros, a atividade turística tem se mostrado cada vez mais uma realidade como forma de desenvolvimento local, principalmente em pequenos municípios (Colasante & Silva, 2021). Com isso, o turismo é colocado em prática com a finalidade de auxiliar empreendimentos que objetivam o crescimento da cidade e que, simultaneamente, sejam fontes geradoras de oportunidades de trabalho para a população (Almeida et al., 2020).

Dito isso, torna-se evidente que os EEs podem ampliar a compreensão da gestão socioeconômica da atividade turística, sendo estes ecossistemas caracterizados por um grande número de atores que requerem coordenação e colaboração (Eichelberger et al., 2020). A abordagem dos elementos do EEs possibilita uma estrutura de análise mais completa e dinâmica, que revela a multiplicidade de elementos envolvidos na sua atividade cotidiana, assim como as necessidades de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em uma dada realidade. Logo, quando aplicado ao turismo, “possibilita que a região turística possa aproveitar todo o seu potencial e alavancar novas iniciativas empreendedoras, em um ciclo virtuoso de crescimento” (Silva et al., 2017, p. 15).

No entanto, apesar da nítida complementariedade dessa interface “a abordagem do EE raramente tem sido usada para pesquisas sobre o turismo até hoje” (Eichelberger et al., 2020, p. 319) e as “publicações sob esta lente integrativa ainda são raras” (Bachinger et al., 2020, p. 238). Nesse ponto, concordamos com Eichelberger et al. (2020), ao afirmarem que o conhecimento sobre EE é necessário à exploração de oportunidades de expansão de mercado e criação de valor agregado à atividade turística (Eichelberger et al., 2020), o que nos desperta para a necessidade de lançar mais luz a este tópico, respondendo à seguinte pergunta de pesquisa: como os EEs contribuem para o fortalecimento da atividade turística?

Isso posto, nosso objetivo é analisar como os EEs contribuem para o fortalecimento da atividade turística, mediante um esforço de revisão da literatura internacional, a partir da base de dados Web of Science. Para tanto, nossos objetivos secundários desdobram-se em identificar as definições de EEs; analisar os estágios de desenvolvimento dos EEs; avaliar as dimensões de análise dos EEs e, especificamente, estudar a relação dos EEs com o turismo.

Cumpramos destacar que muitas revisões de literatura recentes (Robertson et al., 2020; Cao & Shi, 2021; Wurth et al., 2021) avançam na compreensão do que são e como atuam os EEs, inclusive vinculando-os às tradições de pesquisas anteriores que levam em consideração a localidade como lócus de promoção do desenvolvimento econômico, social e ambiental. Mas como já apontado, a interface com os estudos em turismo ainda é pouco explorada, motivação para a condução dessa revisão.

Este estudo trata-se de uma revisão semiestruturada (Snyder, 2019), realizada na base de dados Web of Science que levanta a produção internacional no período de 2016-2021. Após a análise de 19 artigos, trouxe-se como resultado a definição compilada dos principais temas abordados, gerando uma estrutura para sistematização do conteúdo, dividida em quatro frentes de pesquisa: definições de ecossistemas

empreendedores, estágios de desenvolvimento, dimensões de análise e ecossistemas empreendedores e o turismo. Tais temas abordados ampliam a compreensão acerca da contribuição do ecossistema empreendedor para o turismo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento, mediante o fomento da atividade turística, além da contribuição para a literatura, haja vista que estudos anteriores mostram que apesar da aparente complementariedade desta interface, a abordagem do ecossistema empreendedor e do turismo ainda é pouco analisada em pesquisas.

Entende-se que a relevância deste estudo reside no fato de que ainda poucos estudos avançam na compreensão da interface desses tópicos, como destacou-se anteriormente. Tal conhecimento pode possibilitar o avanço do conhecimento teórico, tanto dos estudantes da área, como dos empreendedores, especialmente do turismo, em ações em redes (Knupp et al., 2021) e nas estruturas de governança (Emmendoerfer et al., 2022) para desenvolvimento territorial. Além disso, considerando que as pesquisas científicas podem ser a base na formulação de políticas públicas e de estratégias de gestão empresariais, obtendo resultados expressivos (Souza et al., 2016). Argumenta-se, pois, que explorar essa questão é crucial para acadêmicos e formuladores de políticas, dado o esforço intelectual e político gasto implementando iniciativas de promoção ao desenvolvimento, mediante o fomento da atividade turística.

Este artigo inclui três seções, a partir desta introdução. Inicialmente expõe todo o processo metodológico da revisão, da coleta dos artigos até a análise dos dados. Em seguida, extrai-se as informações destacadas, dentre os artigos estudados. E, finalmente, são apresentadas as considerações finais em resposta aos objetivos e a questão de pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Existem diferentes abordagens para a revisão de literatura, dependendo do seu objetivo e o método utilizado pode variar em função de uma série de diretrizes existentes (Booth et al., 2021). Neste trabalho, realizou-se uma revisão semiestruturada para um maior aprofundamento na interface dos estudos envolvendo EEs e turismo. Este tipo de revisão caracteriza-se por identificar e compreender pesquisas potencialmente relevantes para o tópico estudado através de metanarrativas, além de analisar e avaliar dados qualitativos e quantitativos (Snyder, 2019).

De acordo com a autora, as revisões semiestruturadas têm como objetivo apresentar uma visão geral de um tópico, examinar como a pesquisa em um campo selecionado progrediu ao longo do tempo, e como um tópico se desenvolveu através das tradições de pesquisa, logo, alinha-se aos propósitos deste estudo. Além disso, tem sido um método bibliográfico utilizado em estudos no campo do turismo e em interface com outras áreas de conhecimento (Emmendoerfer et al., 2021).

O procedimento inicial para a seleção dos artigos a serem analisados foi a definição do termo-chave “entrepreneurial ecosystem” para uma captação mais ampla das publicações internacionais. A base de dados utilizada foi Web of Science, na área (negócio, gestão e economia), na forma (artigos e revisão), idioma inglês e na categoria temporal artigos dos últimos cinco anos (período de 2016-2021).

A escolha da base Web of Science como fonte de dados de pesquisa (artigos e revisão) foi motivada pela representatividade de estudos no âmbito nacional e internacional em periódicos que incluem a área de ciências sociais, o que tornou mais adequado para a pesquisa que procurou selecionar artigos bem avaliados. A Web of Science é uma base internacional que possui o maior número de periódicos e artigos de qualidade (Scaringella & Radziwon, 2018). O idioma selecionado da busca foi o inglês, por ser o idioma de maior representação nos artigos. Quanto à categoria temporal, utilizou-se o critério de recentidade/atualidade para a seleção dos artigos dos últimos cinco anos, e pela representatividade das pesquisas sobre o tema apresentarem maior concentração a partir do ano de 2016.

Quanto à avaliação dos periódicos JCR (Journal Citation Reports), última etapa de refino dos artigos antes da análise, esse recurso permitiu avaliar as revistas mais importantes por área do conhecimento que foram

publicadas no ano referência (todas indexadas nas duas principais bases da Web of Science: Science & Social Science), avaliadas por influência, citações recebidas, além de vários indicadores a serem calculados, incluindo o fator de impacto (Web Of Science Group, 2021). A escolha do fator de impacto (FI) >3,8, avaliados pelo JCR se deu por corresponder a avaliação máxima Qualis-Periódicos, que corresponde a A1 (Sistema de Bibliotecas da Unicamp, 2021). As etapas da busca dos artigos se resumem de acordo com o Quadro 1.

QUADRO 1 -
Base de busca dos artigos analisados

ETAPAS	CRITÉRIOS	ARTIGOS SELECIONADOS
1ª etapa	Palavra-chave Artigos e revisão Idioma inglês Período (2016-2021)	269 artigos
2ª etapa	Avaliação de fator de impacto JCR- FI >3,8	77 artigos
3ª etapa	Título Palavra-chave (EE) Resumo	41 artigos
4ª etapa	Introdução e conclusão	19 artigos
5ª etapa	Análise completa do artigo	19 artigos

Fonte: Elaboração dos autores.

Como retorno da primeira busca realizada em maio de 2021, foram selecionados 269 artigos. Na etapa seguinte, o novo critério de seleção adotado foi a avaliação de periódicos seguindo os critérios do Journal Citation Report ou JCR, selecionando apenas journals com fator de impacto (FI) >3,8, resultando em 77 artigos. Cada um dos artigos pré-selecionados na segunda etapa seguiu para uma seleção mais minuciosa, passando por um filtro que se baseou na leitura do título, palavra-chave e resumo. O título do artigo deveria remeter ao tema da pesquisa em questão (EE), as palavras-chaves deveriam conter o termo definido para a pesquisa (EE) e o resumo vir de encontro aos objetivos da pesquisa (as definições de EEs; e/ou os estágios de desenvolvimento dos EEs e/ou as dimensões de análise com modelos propostos). Nesta terceira etapa, foram selecionados 41 artigos, que passaram por um último filtro, que se orientou pelo processo de leitura da introdução e conclusão, de modo a atender ao máximo os requisitos dos objetivos da pesquisa. Finalmente, nesta quarta etapa do processo de seleção dos artigos a serem analisados sistematicamente, 19 artigos foram selecionados, para análise de todo o conteúdo e, assim, construir a síntese, de acordo com os propósitos esperados para a pesquisa.

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES: O QUE DIZEM OS ESTUDOS

Os achados provenientes da revisão sistemática, bem como as discussões decorrentes são apresentados na sequência, de acordo com a seguinte lógica: (i) definições de ecossistemas empreendedores; (ii) estágios de desenvolvimento dos ecossistemas empreendedores; (iii) dimensões de análise dos ecossistemas empreendedores; e (iv) ecossistemas empreendedores em interface com a atividade turística.

Definições de ecossistemas empreendedores

Para o entendimento do subtópico acima, de acordo com os artigos analisados, partiu-se da ordem cronológica do mais antigo ao mais recente, concretamente do ano de 2017-2021, percebendo-se, assim, os seus pontos de congruência. O conceito de EE destaca a ideia de que o empreendedorismo não é um evento isolado, mas parte de um ecossistema econômico mais amplo (Isenberg, 2010 & Adner, 2016). Isso oferece uma abordagem holística para entender melhor o empreendedorismo. Os EEs são interações entre indivíduos, que impulsionam a alocação de recursos por meio da criação e operação de novos empreendimentos, em outras palavras, interagem e influenciam a identificação e comercialização de oportunidades empreendedoras.

Apresentam-se como combinações de elementos sociais, políticos, econômicos e culturais dentro de uma região, que apoiam o desenvolvimento e o crescimento do EE. Com o passar dos anos abraçou-se a ideia da conexão entre a estratégia de desenvolvimento econômico regional, a atividade empreendedora e as iniciativas inovadoras associadas à criação de empregos e revitalização. Identificou-se que se refere a um amplo sistema de elementos heterogêneos.

Na pesquisa acadêmica, política e prática, os EEs são conceituados de duas formas, ontologicamente destacando seu “ser” e epistemologicamente evidenciando em “como pode ser conhecido”. Na visão ontológica, sustenta-se que os EEs surgem em determinadas regiões, em um determinado ponto crítico do desenvolvimento empreendedor, ou seja, os EEs “estando” ali. Sob outra perspectiva, a visão epistemológica sustenta que as economias (locais, regionais, nacionais) estão sempre lá, mas sua condição como sistemas econômicos que permitem ou limitam o empreendedorismo produtivo pode ser conhecida com conhecimento adequado, incluindo dados objetivos e conhecimento local subjetivo (Wurth et al., 2021).

Dessa forma, com base na revisão, os EEs, inspirados pelos ecossistemas biológicos, buscam construir uma relação de cooperação entre as organizações, empresas, universidades, associações, entre outras. A evolução e consolidação desses ecossistemas pode ser considerada resultado de um conjunto das instituições que contribuíram durante bastante tempo para o surgimento de outras novas organizações. No Quadro 2 estão detalhadas todas as definições conceituais encontradas e utilizadas no corpus de artigos desta revisão.

Sendo assim, entendemos que o EE é utilizado para alinhar valor e capacidade de alavancagem por meio de empreendimentos empreendedores coletivos. E com isso, pela revisão, o conceito foi evoluindo e incorporando novas dimensões, consistindo nos elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território, através de um conjunto de atores (institucionais e organizacionais) e de uma rede entre empresas, visando ao desenvolvimento de projetos inovadores para a criação de empregos e o fortalecimento dos negócios.

QUADRO 2 -
Conceitos de ecossistemas empreendedores identificados na literatura estudada

AUTOR	CONCEITO DE ECOSISTEMA EMPREENDEDOR
Neck et al. (2004)	Uma aglomeração de organizações incubadoras, spin-offs, redes informais e formais, infraestrutura física e cultura regional que contribuem para os resultados no nível do sistema.
Malecki (2011)	Aglomeração regional de indivíduos, entidades e órgãos reguladores interconectados em uma determinada área geográfica.
Acs et al. (2014)	Uma interação dinâmica e institucionalmente incorporada entre atitudes, habilidades e aspirações empreendedoras, por indivíduos, que impulsiona a alocação de recursos por meio da criação e operação de novos empreendimentos.
Stam (2014)	Um conjunto de atores e fatores interdependentes coordenados de forma a possibilitar o empreendedorismo produtivo.
Binkley (2015); Mason et al. (2014)	Relaciona-se a um conjunto interconectado de partes interessadas em um ambiente regional que fornece a infraestrutura subjacente para atividades empreendedoras.
Audretsch & Belitski (2017)	Fatores institucionais e organizacionais, bem como outros fatores sistêmicos que interagem e influenciam a identificação e comercialização de oportunidades empreendedoras.
Brown & Mason (2017)	É uma comunidade intencional de atores econômicos que coevoluem para alinhar valor e capacidade de alavancagem, por meio de empreendimentos empreendedores coletivos, com agência empreendedora em seu núcleo.
Spigel (2017)	Combinações de elementos sociais, políticos, econômicos e culturais dentro de uma região, que apoiam o desenvolvimento e o crescimento de startups inovadores e encorajam empreendedores nascentes.
Corrente et al. (2019)	É a capacidade de um território em criar um sistema de atores e infraestruturas de apoio à criação e desenvolvimento de projetos empresariais inovadores, para além da mera construção de uma estrutura em rede entre empresas. Refere-se a um amplo sistema de elementos heterogêneos.
Stam & Van de Ven (2019)	Consiste em todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território.
Robertson, Pitt, & Ferreira (2020)	Compreendem a conexão entre a estratégia de desenvolvimento econômico regional, a atividade empreendedora e as iniciativas inovadoras associadas à criação de empregos e revitalização.

Fonte: Elaboração dos autores.

Estágios de desenvolvimento

Destaca-se as fases de um EE, que segundo Cantner et al. (2020), no artigo intitulado “Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model” apontam cinco estágios, quais sejam: nascimento de um EE; o crescimento de um EE; a maturidade e estabilização de um EE; o declínio de um EE e o ressurgimento de um EE, conforme ilustrado na Figura 1.



FIGURA 1 -
Fases de um Ecosistema Empreendedor
Fonte: Adaptado de Cantner et al. (2020).

Sobre a primeira fase que é o nascimento de um EE, Marshall (1920) citado por Cantner et al. (2020) define uma ideia como o ponto inicial, o “Big Bang” de um EE, argumentando que, se um homem começa uma ideia nova, ela é adotada pelos demais, por sua vez, só se faz as combinações com suas próprias sugestões, e, assim, torna-se a fonte de novas ideias adicionais.

Quanto à segunda fase, que tem a ver com o crescimento de um EE, Audretsch & Lehmann (2005) e Audretsch et al. (2019), citado por Cantner et al. (2020), explicam que é o momento em que todos os diferentes atores, como incubadoras e aceleradoras que estão em funcionamento e instituições de ensino, passam a oferecer programas específicos de empreendedorismo para fomentar a criação e localização de novas empresas.

A terceira fase é a maturidade e estabilização de um EE. Nesta fase, o EE atinge uma fase de maturidade e estabilização, caracterizada por um menor número de novas empresas empreendedoras entrando no mercado e um maior número de saídas (Cantner et al., 2020). Ao final do estágio dois, o acesso a recursos financeiros não serve como barreira e restrição proibitivas de entrada, levando a efeitos adversos de entradas no mercado (Cantner et al., 2020).

A penúltima fase, declínio de um EE, é caracterizada por uma maneira reversa de explorar ideias e oportunidades. Novas ideias e conhecimentos são agora explorados principalmente em empresas estabelecidas, e a criação de novos empreendimentos para explorar oportunidades parece uma exceção e não a regra (Cantner et al., 2020).

De acordo com Spigel & Harrison (2019), a cultura inovadora não pode ser criada, mas pode se desenvolver apenas ao longo do tempo por meio da atividade empreendedora e do sucesso. Ou seja, enquanto houver atividades empreendedoras constantemente, e o foco for criar e gerar valor ao cidadão em diferentes lugares e circunstâncias, se readaptando ao mercado, provavelmente nunca acontecerá o declínio. Audretsch et al. (2019), baseados em Clarysse et al. (2014), Stephen et al. (2012), Vargo & Lusch (2010), no seu artigo “Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts” dizem que, finalmente, um EE, como qualquer ecossistema, deve cumprir duas tarefas: gerar valor para o ecossistema e distribuir o valor entre os membros do ecossistema.

A grande questão é que, novas empresas entram no mercado, mas acabam se assemelhando mais com as empresas tradicionais do que as empreendedoras. Vale ressaltar que, mesmo quando esta fase é caracterizada por uma baixa taxa de entrada no mercado, a fase de declínio de um EE não é equivalente a um declínio do sistema econômico regional, ou da competitividade e riqueza regionais (Cantner et al., 2020).

Por fim, a última Fase, o ressurgir de EE, como explicado no quarto estágio pelos autores, o ciclo de vida empresarial pode terminar neste estágio, tornando-se um ecossistema de negócios com empresas, rotinas e

normas bem estabelecidas, bem como, até agora, ecossistemas regionais dinâmicos e empreendedores tendem também a emergir em aglomerados industriais e distritos de aglomeração (Cantner et al., 2020).

Dimensões de análise

Ecossistemas Empreendedores são muito promissores como uma estrutura conc

Ecossistemas Empreendedores são muito promissores como uma estrutura conceitual, para entender as relações entre o processo de empreendedorismo e seu ambiente local e uma ferramenta de política para ajudar as regiões a catalisar o desenvolvimento econômico sustentável, liderado pelo empreendedorismo (Spigel & Harrison, 2018). Embora os ecossistemas possam ter diferentes estruturas e origens, seu sucesso está na capacidade de criar um sistema social e econômico consistente, que apoie a criação e o crescimento de novos empreendimentos (Stam & Van de Ven, 2019). Ter foco exclusivamente nas necessidades das empresas startups não é uma boa abordagem de políticas públicas, deve também concentrar em empresas orientadas para o crescimento (Pustovrh et al., 2020).

Analisar o empreendedorismo sob a perspectiva de um ecossistema, possibilita uma análise minuciosa dos elementos ou fatores envolvidos, que identifique os pontos positivos e a necessidade de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em um espaço. A literatura analisada oferece alguns modelos de análise de EE, todos baseados em uma análise de fatores/determinantes/ variáveis. Viu-se que, das diferentes modalidades do EE, a maioria tem similaridade no que concerne à interação entre as organizações, empresas, universidades, escolas, associações (capital humano), a cultura permanente, e está em causa a ideia das redes.

De acordo com os textos analisados e suas citações, identificam-se os seguintes modelos, no Quadro 3:

QUADRO 3 -
Modelos de análise ecossistemas empreendedores identificados na literatura estudada e nas citações

MODELOS DE EE	ELEMENTOS OU FATORES DO EE
Van de Ven (1993)	1) Arranjos institucionais; 2) Recursos públicos; 3) Demanda de mercado; e 4) Atividades comerciais proprietárias.
Isenberg (2010)	1) Política; 2) Capital; 3) Cultura; 4) Apoio aos empreendedores; 5) Capital humano; e 6) Mercados.
Fórum Econômico Mundial (2013)	1) Mercados acessíveis; 2) Capital humano; 3) Financiamento e finanças; 4) Sistema de suporte; 5) Marco regulatório e infraestrutura; 6) Educação e treinamento; 7) Principais universidades como catalisadores; e 8) Apoio cultural.
Audretsch & Belitski (2017)	- 1ª etapa: descrever as relações dentro dos domínios (cultura, instituições, infraestrutura, informação, diversidade e demanda). - 2ª etapa: adicionar o acesso à informação nas condições estruturais. - 3ª etapa: explicar a relação conjunta entre o Índice REDi e as condições estruturais do ecossistema.
Stam & Van de Ven (2019)	1) Instituições formais; 2) Cultura; 3) Rede; 4) Infraestrutura física; 5) Finanças; 6) Liderança; 7) Talento; 8) Conhecimento; 9) Serviços de suporte e 10) Demanda.
Xie et al. (2021)	1) Capacidade de inovação; 2) Potencial de mercado; 3) Capital humano e Capital financeiro; 4) Infraestrutura física; 5) Infraestrutura de internet; 6) Tamanho do governo; e 7) Qualidade e quantidade empreendedora.

Fonte: Elaboração dos autores.

Audretsch & Belitski (2017), inspirados em Autio et al. (2014), revelam que a abordagem holística do empreendedorismo e da inovação se tornou a tendência mais recente na política de empreendedo- rismo

e inovação na Europa, com foco no papel do EE e nos processos de como ele é desenvolvido, adaptado e sustentado. Em uma pesquisa para avaliar as variações no empreendedorismo em 70 cidades europeias, os autores realizaram um estudo no qual desenvolveram um modelo complexo que envolve três etapas de análise, exposto no quadro 3. Este modelo foi inspirado em diversos autores, descrito no artigo em questão “Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions”. Nesta análise, eles enfocam as condições da estrutura do EE, incluindo a importância do alinhamento de TI, que ajuda na tomada de decisão individual, julgamento e capacidade de prever oportunidades. O Índice de REDI aplicado ao modelo foi defendido por eles como um instrumento poderoso para prever a atividade empreendedora nas cidades, incluindo as regiões. O REDI se tornou muito popular e eficiente para explicar a atividade empreendedora nas regiões, identificando os obstáculos e as implicações políticas (Audretsch & Belitski, 2017).

Diante da análise holística dos seis domínios do EE (cultura, instituições formais, infraestrutura, informação, diversidade e demanda), Audretsch & Belitski (2017) elaboram seis hipóteses baseadas em sua pesquisa, que podem promover um ecossistema de sucesso, no qual podemos sintetizar: 1) A cultura local que promove a confiança e segurança provavelmente melhorará o EE; 2) conexões de transporte e otimização da cidade provavelmente melhorarão o EE; 3) recursos gastos com responsabilidade e serviços de administração eficientes, podem melhorar o ecossistema do empreendedorismo; 4) o acesso e a conectividade à internet provavelmente melhorarão o EE; 5) Os estrangeiros bem integrados provavelmente melhorarão o EE; 6) o impacto da alta demanda por força de trabalho e habitação no EE é ambíguo (Audretsch & Belitski, 2017).

Outro modelo de análise do EE exposto na tabela 3, que foi elaborado segundo os moldes do governo chinês, é o modelo proposto por Xie et al. (2021). Diante da forte intervenção governamental na China, o tamanho dos gastos do governo é um fator institucional importante quando se analisam os elementos do EE. A intervenção governamental, na China, influencia todo o processo de empreendedorismo e pode determinar o sucesso ou o fracasso de um novo empreendimento. Com base em suas investigações, Xie et al. (2021) propõem um modelo que destaca sete fatores necessários para sustentar o empreendedorismo regional na China, no qual o tamanho do governo o diferencia, sendo possível enumerar: 1) capacidade de inovação, 2) potencial de mercado, 3) capital humano e financeiro, 4) infraestrutura física, 5) infraestrutura de internet, 6) tamanho do governo, 7) qualidade e quantidade empreendedora (Xie et al., 2021).

Um EE com incorporação de tecnologias avançadas e maior conectividade de internet na região, pode ser o catalisador ideal para tirar o máximo proveito do enorme potencial das tecnologias que facilitam o início de empresas e um alto crescimento das já existentes, foi o que concluiu Audretsch & Belitski (2017) em sua pesquisa na Europa. A era digital caracterizada por rápidas mudanças tecnológicas coloca esse recurso no centro da sua capacidade de sobreviver e prosperar (Audretsch & Belitski, 2017).

Wurth et al. (2021), em seu trabalho, dão destaque no papel do empreendedor como líder organizacional, inovador e comunitário. Isso distingue sua capacidade de romper as estruturas existentes e criar novos caminhos com base em suas características e circunstâncias individuais. Os outros atores em um ecossistema também têm relevância na forma como escolhem operar dentro de um EE, incluindo os investidores, servidores públicos, funcionários. As consequências dessa ideia de ecossistema liderado pelo empreendedor é que, os mecanismos causais que impulsionam a inovação e evolução dos EEs regionais podem não ser os mesmos que para outros modelos territoriais de inovação (Spigel & Harrison, 2018).

Quanto aos recursos relacionados ao empreendedorismo dentro dos EEs, Cao & Shi (2021) esclarecem que, são fornecidos por várias partes interessadas dentro desse sistema, que podem incluir infraestrutura financeira, humana, de conhecimento e física que os empresários precisam. Ainda segundo o autor, os recursos financeiros podem ser fornecidos pelo estado, por meio de subsídios e doações, entidades privadas, por meio de capital ou dívida; os recursos humanos podem ser oferecidos por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos ou fracassados; o conhecimento técnico especializado e métodos empreendedores podem ser preparados por instituições de pesquisa ou educacionais, bem como por empresas existentes por meio de mentoria e, por último, os recursos de

infraestrutura, como espaços de escritório, podem ser fornecidos por intermediários, como espaços de coworking e incubadoras (Cao & Shi, 2021). Além do investimento direto, a reciclagem também é um elemento-chave da provisão de recursos (Spigel & Harrison, 2018).

Para Pustovrh et al. (2020), a política econômica e a política de empreendedorismo devem concentrar-se na criação de condições para um empreendedorismo inovador ambicioso, em vez de um empreendedorismo autônomo por necessidade. Para o autor, os empreendedores por necessidade geralmente não criam inovação disruptiva, assim, não são o alvo das medidas de política de inovação. Com isso, os empreendedores que não inovam, não estão qualificados para as políticas que influenciam a disponibilidade de recursos (empréstimos bancários), seus custos ou as condições gerais do empreendedorismo (como o tempo, custos de criação e gestão de uma nova empresa), que são as medidas mais importantes para os empreendedores se desenvolverem e atingir o sucesso (Pustovrh et al., 2020).

Sob uma aplicação prática e diferenciada de outros ecossistemas, o trabalho de Xie et al. (2021) enfoca os principais determinantes do empreendedorismo regional, numa análise baseada em cidades da China. O autor mostrou que as variáveis baseadas no país, geralmente, são consistentes e atribuídas de acordo com os mesmos métodos estatísticos em cidades diferentes. Isto é uma distinção do empreendedorismo da China, que, com a maior economia emergente do mundo, tem um governo muito ativo na promoção do empreendedorismo. Essa estratégia de empreendedorismo e inovação em massa proposta pelo governo chinês fez com que a atividade empreendedora em estágio inicial diminuísse, enquanto aumentavam os empreendedores que esperavam grande crescimento (Xie et al., 2021).

Considerando que os estudos sobre os EEs intensificaram demasiadamente nos últimos anos, principalmente nos últimos seis anos, Cao & Shi (2021, p. 2) apontam que “o empreendedorismo nos países em desenvolvimento é o fenômeno econômico global importante menos estudado hoje”. Compreender os EEs nas economias emergentes é relevante tanto para os pesquisadores, quanto para os formuladores de políticas. Outra contribuição do autor para as economias emergentes trata das infraestruturas físicas. Essas economias, nas últimas duas décadas, demandam enormes investimentos em infraestrutura, por encontrarem lacunas críticas em infraestruturas físicas, incluindo estradas subdesenvolvidas, pontes, redes de telecomunicações, instalações de água e saneamento e usinas de energia, o que dificulta a atividade empreendedora (Cao & Shi, 2021).

Cao & Shi (2021) observam que, dada a cultura de evitar a incerteza e a falta de acesso ao financiamento em economias emergentes, indivíduos qualificados tendem a se envolver em empregos em vez de carreiras empreendedoras de alto risco, ou seja, os indivíduos com capital humano nessas regiões são mais propensos a trabalhar para outra pessoa, em vez de iniciar seus próprios empreendimentos, se comparados a indivíduos em economias avançadas (Cao & Shi, 2021).

Quanto ao desafio dos empreendedores de assumir riscos e inovação, Spigel & Harrison (2019) elucidam que o maior dos desafios da política do EE é como os empresários e o estado podem apoiar o desenvolvimento de um ecossistema forte e funcional, pois sua cultura, sua rede de empreendedores e mentores bem-sucedidos e seus estoques de conhecimento empreendedor surgem dos próprios empreendedores. Para ele, é extremamente difícil construir uma cultura por meio da intervenção externa. Assim, a criação de ecossistemas fortes e funcionais depende da liderança da comunidade empresarial para criar redes consistentes e lógicas, fundamentada em uma cultura de confiança, reciprocidade e aceitação de riscos (Spigel & Harrison, 2018).

A pesquisa de Audretsch & Belitski (2017) revela que envolver o setor privado e reformar a estrutura burocrática e regulatória está no centro de EE eficiente. Segundo os autores, os empreendedores são desencorajados a iniciar um novo negócio, se forem limitados pela burocracia, numerosos regulamentos e procedimentos locais e requisitos de tempo. Diante disso, os resultados positivos de serviços administrativos eficientes e alocação de recursos criarão estabilidade e tornarão o local mais atraente para viver, trabalhar e investir (Audretsch & Belitski, 2017).

Para um ecossistema de sucesso, é importante permitir que as empresas estabeleçam uma ampla rede de ligações e relacionamentos, com a finalidade de facilitar o compartilhamento de conhecimento dentro das organizações inovadoras novas ou já existentes, que não se limitam aos ecossistemas locais, mas podem se estender internacionalmente (Pustovrh et al., 2020).

Para entender melhor se e como os EEs estão realmente aumentando a prosperidade e o bem-estar social das regiões, ou se estão simplesmente intensificando a riqueza em um pequeno subconjunto da sociedade, mais pesquisas com perspectivas críticas são necessárias. Nesse sentido, o pesquisador tem a missão de demonstrar o valor normativo dos EEs para a comunidade em geral, bem como investigar os problemas que surgem à medida que os EEs crescem e estimulam o empreendedorismo produtivo, como o aumento dos preços da habitação e questões de desenvolvimento mais desiguais (Wurth et al., 2021).

O trabalho de Cao & Shi (2021) resumiu nove tipos de deficiências, no contexto do empreendedorismo, que caracterizam as economias emergentes: instituições subdesenvolvidas, políticas governamentais pouco claras e inconsistentes, governança inadequada, infraestrutura desarticulada, opções de financiamento limitadas, cultura inibidora, redes personalizadas, sistema educacional mal financiado e ambivalente e internacionalização relutante. Os autores identificaram que o principal gargalo no EE brasileiro é a falta de interação e cooperação entre instituições de ensino e empresários (Cao & Shi, 2021).

Ecossistemas empreendedores e o turismo

No mundo contemporâneo, o turismo é um dos principais fenômenos sociais e econômicos, pois, além de gerar empregos e receitas fiscais, este setor estimula investimento em infraestrutura, capital humano e tecnologia (Cavalheiro et al., 2020). O desenvolvimento dessa atividade exige planejamento e ações tecnicamente dirigidas. Com isso, o interesse e a importância nesse setor vêm crescendo para as economias regionais e para os governos, dada a preocupação em desenvolver políticas públicas capazes de fomentar essa atividade empreendedora e gerar crescimento econômico (Souza et al., 2016).

A atividade turística oferece muitas oportunidades para os empreendedores, uma vez que esse setor demanda um conjunto de diferentes serviços e constante necessidade de renovação dos produtos (Guimarães & Silva, 2017). Trata-se de uma área do empreendedorismo aberta e acessível a negócios, ainda que pequenos empreendimentos, e que pode apresentar oportunidades com baixa necessidade de capital e grande potencial de inovação (Silva et al., 2017).

Complementarmente, a experiência turística particulariza e difere a atividade turística de outras atividades econômicas, devido às configurações físicas e culturais, que fazem com que essas características sejam consideradas um fator sistêmico, em vez de condição estrutural (Bachinger et al., 2020). As configurações físicas e culturais fazem com que a experiência turística seja única em uma cidade, impossível de ser replicada em outras regiões. Devido a essa natureza composta dos produtos turísticos, configurações físicas ou culturais, as redes e a governança de redes têm um papel fundamental nas condições sistêmicas, o que diferencia a atuação em outros segmentos, pois, além de apoiar os empreendedores, trabalha em prol da conservação e restauração dos pontos turísticos e na promoção da região, realizando eventos culturais típicos do destino turístico (Bachinger et al., 2020).

Conforme mencionado, o turismo é uma atividade que traz crescimento econômico pela movimentação da economia através da geração de empregos, receitas fiscais e estímulo ao investimento nas cidades turísticas (Cavalheiro et al., 2020). Para que o empreendedorismo aconteça no setor de turismo, de forma a alcançar o sucesso, ele deve estar com seu ecossistema ativo, a fim de que haja elementos inter-relacionados à disposição dos empreendedores, que estimulem, alavanquem e gerem confiança nas pessoas envolvidas nas atividades turísticas (Silva et al., 2017).

O EE surge como uma proposta para o fortalecimento da ação empreendedora em uma região, que no caso da indústria do turismo, é caracterizada por muitos atores (devido à grande variedade de serviços destinados

aos turistas), exigindo coordenação e colaboração (Eichelberger et al., 2020). O conhecimento sobre as expectativas da demanda de EE é vital para os empreendedores ao explorarem as oportunidades de expansão de mercado e produzir uma criação de valor agregado (Eichelberger et al., 2020).

Partindo do conceito de Stam e Van de Ven (2019), que definem o ecossistema empreendedor como “todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território”, para criar empreendimento e expandir os negócios em crescimento, faz-se necessária uma variedade de atores envolvidos em todos os processos e interações que, no caso do turismo, devido à gama de opções de serviços, requer grande número de atores. As grandes empresas, universidades, instituições públicas, startups e corretoras em um EE são de grande importância, de forma a dar o suporte necessário a esses atores (Pustovrh et al., 2020).

Os modelos propostos para a análise do EE são baseados em um estudo de fatores que levam a um ecossistema de sucesso. Esse estudo, aplicado ao turismo de uma dada região, se torna muito relevante, pois identifica os pontos positivos e a necessidade de intervenção para o fortalecimento dessa atividade empreendedora e faz com que a região possa aproveitar todo o seu potencial e alavancar novas iniciativas empresariais em um ciclo virtuoso de crescimento (Silva et al., 2017). No turismo, o sucesso dos empreendimentos irá depender de sua capacidade de identificar as necessidades do consumidor e oferecer produtos sob medida, para a satisfação desse público (Cooper et al., 2002).

Quanto aos recursos humanos, eles podem ser oferecidos por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos ou fracassados (Cao & Shi, 2021). A atividade turística do Brasil enfrenta uma grande dificuldade, que é a capacitação das pessoas para o atendimento no setor de serviços e para a sensibilização em relação às oportunidades que o empreendedorismo pode trazer (Silva et al., 2017).

O empreendedor como líder do ecossistema deve ter um papel de destaque no EE (Wurth et al., 2021). No turismo, que é um setor constituído por 47 tipos de serviços (OMT, 2001), que envolve desde pequenos empreendedores até os grandes empreendedores com alto investimento, ter no EE um líder empreendedor atuante no setor, conhecedor das necessidades e interesses da categoria, poderá ser de grande ganho para o ecossistema.

O empreendedorismo nos países em desenvolvimento ainda é pouco estudado nos dias de hoje, apesar de ser um fenômeno econômico global importante (Cao & Shi, 2021). Assim como o EE no turismo, “apesar do seu potencial de contribuição, a abordagem do EE raramente tem sido usada para pesquisas sobre o turismo até hoje” (Eichelberger et al., 2020, p. 319), assim como as publicações que trabalhem de forma conjunta, tais abordagens ainda são raras (Bachinger et al., 2020, p. 238). Beni (2008) esclarece:

A análise da natureza de fenômeno turístico e de seus constituintes é necessário para se obter dele uma visão holística e sistêmica, permitindo melhor situar cada um de seus elementos. Sua complexidade deu tal dimensão à empresa de turismo que é impossível definir-lhes as fronteiras de atuação, razão essencial de considerável falta de estudos a respeito de sua natureza e de seu produto (Beni, 2008, p. 178).

Compreender os EEs nas economias emergentes é relevante tanto para os pesquisadores, quanto para os formuladores de políticas. Para a administração pública brasileira é um tema relevante, pois o turismo é uma atividade econômica que pode atrair investimentos em infraestrutura, que é uma lacuna crítica para o turismo nas regiões de países em desenvolvimento. Cooper et al. (2002) esclarecem sobre as infraestruturas que atendem de forma satisfatória ao turismo de uma região:

É essencial para destinações e aparece principalmente na forma de transporte (estradas, ferrovias, aeroportos, estacionamentos), serviço de utilidade pública (eletricidade, água, comunicações) e outros serviços (saúde, segurança), e é normalmente compartilhada por residentes e visitantes (Cooper et al., 2002, p. 142).

Audretsch & Belitski (2017), em sua pesquisa na Europa, mostraram que a maior conectividade de internet na região de um EE é um catalisador ideal para as empresas iniciantes e o crescimento das já existentes. Na

indústria do turismo, as tecnologias de informação possibilitam aos viajantes acessar informações confiáveis e precisas, e fazer reservas com tempo, custo e desconforto bem menores do que pelos métodos convencionais. Diante disso, eles melhoram a qualidade do serviço e contribuem para uma maior satisfação do turista (Cooper et al., 2002).

Quanto aos estímulos para iniciar um negócio, os empreendedores serão desencorajados, se forem limitados pela burocracia, devido aos numerosos regulamentos e procedimentos (Audretsch & Belitski, 2017; Eichelberger et al., 2020). No Brasil, a Lei de Liberdade Econômica (Lei 13.874, de 20 de setembro de 2019) busca desburocratizar processos para estabelecimentos de baixo risco, com o fim dos alvarás, a digitalização de documentos, a inovação e o fortalecimento dos instrumentos contratuais que beneficiam os empreendedores, atendendo boa parte dos serviços do setor turístico (Governo Federal, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar como os EEs podem contribuir para o fortalecimento da ação empreendedora na indústria do turismo. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática da literatura no intuito de analisar as definições dos EEs, os estágios de desenvolvimento dos EEs, as dimensões de análise dos EEs, a interface dos EEs e a atividade turística.

Apesar de ser um tema relativamente novo no setor do empreendedorismo, só nos últimos cinco anos, as pesquisas sobre EE passaram a ter maior destaque, com um número considerável de publicações. Porém, trabalhos voltados para os EEs e o turismo ainda são escassos. Com isso, o levantamento dos artigos baseou-se no tema EE, para, após a análise, relacionarmos ao turismo, já que os EEs podem ser aplicados ao turismo.

Baseando-nos no conceito mais simples e abrangente identificado no estudo, que define EE como “todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território” (Stam & Van de Ven, 2019), percebemos que, para alcançar o sucesso, os empreendedores do setor turístico, que, no caso, são caracterizados por um grande número de atores, necessitam das redes e governança para dar o suporte necessário, desde o conhecimento, financiamento, estímulo e confiança. A análise de um EE através de um modelo, possibilita identificar os problemas, soluções e sucesso do empreendedorismo de uma região, assim como as necessidades de intervenção para o fortalecimento da ação empreendedora em uma dada realidade.

O setor do turismo apresenta várias fragilidades que, estando orientado por um EE, poderia superar com mais facilidade. Começando pela capacitação das pessoas para o atendimento no setor de serviços, que no EE poderia ser oferecido por instituições educacionais, grandes empresas estabelecidas e novos empreendimentos bem-sucedidos. A decisão de iniciar um negócio, quando limitada pela burocracia, desestimula os empreendedores, abrangendo até os do setor do turismo que são, em grande parte, pequenos negócios (Audretsch & Belitski, 2017). Quanto à infraestrutura que envolve esse setor, que é compartilhada pelos turistas e residentes, nos países em desenvolvimento é um problema crítico, que no EE poderia ser amenizado através de políticas públicas. Dentre essas infraestruturas, encontra-se a conectividade de internet na região de um EE, que hoje é considerado um dos maiores catalisadores do turismo.

Este estudo possibilita, então, o avanço do conhecimento teórico em EE e sua divulgação contribui na formulação de políticas públicas e de gestão empresarial. O setor do turismo enfrentou um dos piores momentos da sua história com a pandemia de covid-19, que se iniciou, no Brasil, em março de 2020 e ainda não foi totalmente extinguida. A queda brusca no consumo e a grande demanda de cancelamento de viagens, motivadas principalmente pelo fechamento das fronteiras, por questões de saúde pública, colocaram as empresas do setor em situação crítica, extinguindo a oferta de empregos e a saúde financeira do próprio Estado, principalmente, em localidades que têm maior dependência do turismo (Carneiro & Allis, 2021). Na medida que as limitações impostas pela pandemia estão se flexibilizando, reconstruir esse setor é primordial, dado os benefícios que o turismo traz para uma região.

Mesmo diante das contribuições, devemos reconhecer algumas limitações relativas ao volume de trabalhos revisados restritos ao único idioma e a uma única base. Pesquisas futuras podem ampliar o escopo de busca para a revisão, incluir novos critérios para análise e, sobretudo, ir a campo para realizar, através de estudos de casos e observação, a realidade dos ecossistemas de turismo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estendemos também nossos agradecimentos à equipe editorial e aos avaliadores anônimos da Revista Turismo: Visão e Ação, por suas valiosas contribuições, que repercutiram positivamente neste artigo.

REFERÊNCIAS

- Adner, R. (2016). Ecosystem as structure: An actionable construct for strategy. *Journal of Management*, 43(1), 39-58.
- Almeida, I. L. S., Enoque, A. G. & Júnior, A. de O. (2020). Turismo religioso como fonte de desenvolvimento local. *Marketing & Tourism Review*, 4(2).
- Audretsch, D. B. & Belitski, M. (2017). Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions. *Journal of Technology Transfer*, v. 42, n. 5, p. 1030-1051.
- Bachinger, M., Kofler, I. & Pechlaner, H. (2020). Sustainable instead of high-growth? Entrepreneurial Ecosystems in Tourism. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, v. 44, n. July, p. 238-242.
- Becattini, G. (1990). The Marshallian industrial districts as a socio-economic notion. In: Pyke, F.; Becattini, G.; Sengenberger, W. (ed). *Industrial districts and inter-firm cooperation in Italy*. Geneva: International Institute for Labour Studies, p. 37-51.
- Beni, M. (2008). *Análise estrutural do turismo* (13ª ed.). São Paulo: Senac.
- Cantner, U., Cunningham, J. A., Lehmann, E. E. & Menter, M. (2021). Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model. *Small Business Economics*, v. 57, n. 1, p. 407-423.
- Cao, Z. & Shi, X. (2021). A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies. *Small Business Economics*, v. 57, n. 1, p. 75-110.
- Carneiro, J., Allis, T. (2021). How Does Tourism Move During The COVID-19 Pandemic? *Revista Brasileira de pesquisa em Turismo Brazilian Journal of Tourism Research*, v. 15, n. 1, p. 1-23.
- Cavalheiro, M. B., Joia, L. A. & Cavalheiro, G. M. do C. (2020). Towards a Smart Tourism Destination Development Model: Promoting Environmental, Economic, Socio-cultural and Political Values. *Tourism Planning and Development*, v. 17, n. 3, p. 237-259.
- Colasante, T. & Silva, E. P. (2021). Potencialidades para o desenvolvimento do turismo em Magalhães de Almeida - MA. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v.15, n.2.
- Cooper, C, Fletcher, J., Wanhill, S. & Shepherd, R. (2001). *Turismo, princípios e práticas*. 2ªedi, Porto Alegre: Bookman.
- Corradi, M. G., & Pereira, M. A. (2020). Análise do potencial de desenvolvimento do ecossistema empreendedor da cidade de Lorena no Brasil. *Espacios*, v. 41, n. 50, p. 74-92.
- Eichelberger, S., Peters, M., Pikkemaat, B. & Chan, C. S. (2020). Entrepreneurial ecosystems in smart cities for tourism development: From stakeholder perceptions to regional tourism policy implications. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, v. 45, p. 319-329.
- Emmendoerfer, M. L., Mediotte, E. J., & dos Santos, Y. T. (2022). Governança pública no turismo: polissemia, reflexões e implicações. *Ateliê Geográfico*, 16(1), 24-49. <https://doi.org/10.5216/ag.v16i1.69253>

- Emmendoerfer, M. L., Trentin, F., Ponton, M. B. Z., da Silva, A. C., & Ponton, R. G. Z. (2021). Tourist destinations and development: what was published by the scientific community in Brazil before COVID-19 pandemic?. *Navus - Revista de Gestão e Tecnologia*, 11, 1-13. <https://doi.org/10.22279/navus.2021.v11.p01-13.1596>
- Governo Federal- Ministério da Economia (2021). A Lei de Liberdade Econômica, Brasil. Disponível em
- Guimarães, C. R. F. F. & Silva, J. R. (2017). Turismo e geração de empregos formais#: Um estudo sobre o Brasil e suas regiões Tourism and formal job creation#: A study on Brazil and its regions. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 27/28, p. 1273-1286.
- Isenberg, D. J. (2010). The big idea: How to start an entrepreneurial revolution. *Harvard Business Review*, 88(6).
- Isenberg, D. J. (2011). The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurships. *The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project*, v. 1, n. 781, p. 1-13.
- Lima, M. A. G. de, Irving, M. D. A. & Oliveira, E. (2022). Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, 1-15.
- Knupp, M., Emmendoerfer, M., & González, M. V. (2021). Tourism networks-interdependent relationships among public policy actors. *Journal of Multidisciplinary Academic Tourism*, 1, 39-52. <https://doi.org/10.31822/jomat.2021-SP-1-39>
- OMT- Organização Mundial do Turismo (2021). *Introdução ao Turismo*. São Paulo.
- Porter, M.E. (1990). *The competitive advantages of nations*. London: Macmillan.
- Porter, M.E. (1998). Cluster and the new economics of competition. *Harvard Business Review*, p. 77-90.
- Pustovrh, A., Rangus, K., & Drnovsek, M. (2020). The role of open innovation in developing an entrepreneurial support ecosystem. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 152.
- Robertson, J., Pitt, L. & Ferreira, C. (2019). Entrepreneurial ecosystems and the public sector: A bibliographic analysis. *Socio-Economic Planning Sciences*, 72. <https://doi.org/10.1016/j.seps.2020.100862>
- Rocha, H. & Audretsch, D. B. (2022). Entrepreneurial ecosystems, regional clusters, and industrial districts: Historical transformations or rhetorical devices?. *The Journal of Technology Transfer*, p. 1-24.
- Scaringella, L. & Radziwon, A. (2018). Innovation, entrepreneurial, knowledge, and business ecosystems: Old wine in new bottles? *Technological Forecasting and Social Change*, v. 136. p. 59-87.
- Silva, P. H. O., Fonseca, D. L. P., & Spinola, C. de A. (2017). Considerações Sobre O Empreendedorismo Como Elemento Propulsor Do Turismo No Baixo São Francisco. *RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 1, n. 39, p. 26.
- Sistema de Bibliotecas da Unicamp- SBU. Qualis-CAPES. Disponível em < <http://www.sbu.unicamp.br/sbu/qualiscape/#:~:text=QUALIS%20C3%A9%20o%20conjunto%20de,do%20aplicativo%20Coleta%20de%20Dados.> > Acessado em 02 de abril de 2022.
- Souza, M. J. B. de, Trindade, F. de M.; Freire, R. & Lyra, F. R. (2016). Potencial Empreendedor De Empresárias Do Setor Turístico De Florianópolis (Sc). *Revista Alcance*, v. 23, n. 4, p. 455-474.
- Spigel, B. & Harrison, R. (2018). Towards a process theory of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, v. 12, n. 1, p. 151-168.
- Stam, E. & Van de Ven, A. (2019). Entrepreneurial ecosystem elements. *Small Business Economics*, v. 56, n. 2, p. 809-832.
- Storper, M. (1997). *The regional world: territorial development in a global economy*. Guilford press.
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v. 104, p. 333-339.
- Vale, G. M. V. (2007). Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais. Rio de Janeiro - RJ, Editora Garamond.
- Web Of Science Group. Como utilizar o JCR no Portal de Periódicos da CAPES. *Journal Citation Reports*. Disponível em: Acessado em 20 de julho de 2021.
- Wurth, B., Stam, E., & Spigel, B. (2021). Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program. *Entrepreneurship Theory and Practice*, p. 1-50.

Xie, Z., Wang, X., Xie, L., & Duan, K. (2021). Entrepreneurial ecosystem and the quality and quantity of regional entrepreneurship: A configurational approach. *Journal of Business Research* , v. 128, n. January, p. 499-509.

Apêndice I

Artigos selecionados e analisados na revisão sistemática, segundo a avaliação de periódicos JCR - ordem decrescente

AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO
Bischoff, K.	A study on the perceived strength of sustainable entrepreneurial ecosystems on the dimensions of stakeholder theory and culture	Small Business Economics	2021
Cantner, U.; Cunningham, J. A.; Lehmann, E. E.; Menter, M.	Entrepreneurial ecosystems: a dynamic lifecycle model	Small Business Economics	2021
Cao, Z.; Shi, X. W.	A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies	Small Business Economics	2021
O'Shea, G.; Farny, S.; Hakala, H.	The buzz before business: a design science study of a sustainable entrepreneurial ecosystem	Small Business Economics	2021
Pugh, R.; Soetanto, D.; Jack, S. L.; Hamilton, E.	Developing local entrepreneurial ecosystems through integrated learning initiatives: the Lancaster case	Small Business Economics	2021
Stam, E.; Van de Ven, A.	Entrepreneurial ecosystem elements	Small Business Economics	2021
Wurth, B.; Stam, E.; Spigel, B.	Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program	Entrepreneurship Theory and Practice	2021
Xie, Z. M.; Wang, X.; Xie, L. M.; Duan, K. F.	Entrepreneurial ecosystem and the quality and quantity of regional entrepreneurship: A configurational approach	Journal of Business Research	2021
Pustovrh, A.; Rangus, K.; Drnovsek, M.	The role of open innovation in developing an entrepreneurial support ecosystem	Technological Forecasting and Social Change	2020
Robertson, J.; Pitt, L.; Ferreira, C.	Entrepreneurial ecosystems and the public sector: A bibliographic analysis	Socio-Economic Planning Sciences	2020
Audretsch, D. B.; Cunningham, J. A.; Kuratko, D. F.; Lehmann, E. E.; Menter, M.	Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts Who is left out: exploring social boundaries in entrepreneurial ecosystems	Journal of Technology Transfer	2019
Corrente, S.; Greco, S.; Nicotra, M.; Romano, M.; Schillaci, C. E.	Evaluating and comparing entrepreneurial ecosystems using SMAA and SMAA-S	Journal of Technology Transfer	2019
Godley, A.; Morawetz, N.; Soga, L.	The complementarity perspective to the entrepreneurial ecosystem taxonomy	Small Business Economics	2019
Neumeyer, X.; Santos, S. C.; Morris, M. H.	Who is left out: exploring social boundaries in entrepreneurial ecosystems	Journal of Technology Transfer	2019
McMullen, J. S.	Organizational hybrids as biological hybrids: Insights for research on the relationship between social enterprise and the entrepreneurial ecosystem	Journal of Business Venturing	2018
Roundy, P. T.; Bradshaw, M.; Brockman, B. K.	The emergence of entrepreneurial ecosystems: A complex adaptive systems approach	Journal of Business Research	2018
Spigel, B.; Harrison, R.	Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems	Strategic Entrepreneurship Journal	2018
Audretsch, D. B.; Belitski, M.	Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions	Journal of Technology Transfer	2017
Huang-Saad, A.; Fay, J.; Sheridan, L.	Closing the divide: accelerating technology commercialization by catalyzing the university entrepreneurial ecosystem with I-Corps (TM)	Journal of Technology Transfer	2017

Fonte: Elaboração dos autores.

NOTAS

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES: Marília Cláudia Oliveira Paes de Lima: Conceitualização, metodologia, validação, análise formal, pesquisa/levantamento, curadoria de dados, escrita formal, edição.

Ana Cláudia Azevedo: Conceitualização, metodologia, validação, análise formal, revisão, edição, supervisão/orientação.

Marília Fatima Cardoso de Pinho Brandão: Pesquisa/levantamento, curadoria de dados.

Magnus Luiz Emmendoerfer: Revisão, edição, administração do projeto.